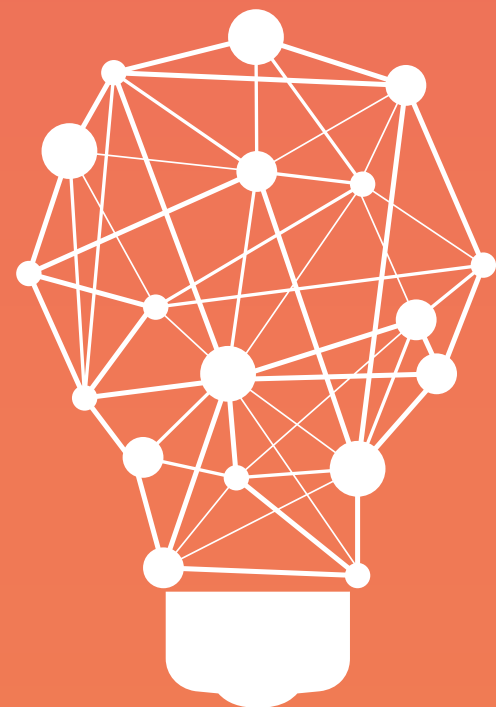




Maurício Canêdo Pinheiro

Professor adjunto na FCE/Uerj.
Doutor em economia pela
FGV EPGE



Quais são os obstáculos à inovação no Brasil?

Produtividade não é tudo, mas no longo prazo é quase tudo. Com esta frase, o economista Paul Krugman resumiu com muita propriedade a importância dos ganhos de produtividade para o aumento do padrão de vida das sociedades modernas. No caso do Brasil, essa afirmação ganha importância especial, na medida em que o desempenho da produtividade nas últimas décadas, notadamente na indústria, tem sido sofrível. A este respeito, há amplas evidências de que a inovação no âmbito das empresas é um dos principais canais pelo qual os ganhos de produtividade se manifestam.

No entanto, o fato de a inovação ter impacto positivo importante sobre a produtividade das empresas não justifica, por si só, a existência de políticas públicas de fomento a atividades inovativas realizadas no âmbito privado. Para tanto, há que existir barreiras que impeçam que investimentos nessas atividades se materializem, mesmo com retorno privado positivo, ou cunhas entre o retorno privado e o retorno social associados à inovação. São as chamadas falhas de mercado. E, no que diz respeito à inovação, pelo menos

duas delas estão bem documentadas pela literatura.

A primeira diz respeito às falhas no mercado de crédito. Por conta de assimetrias de informação, muitos bons projetos não conseguem financiamento, principalmente quando as empresas não são capazes de oferecer garantias suficientes aos seus potenciais credores. Essas falhas de mercado são exacerbadas no caso de investimentos em atividades inovativas, que tipicamente são ainda mais arriscadas do que inversões em máquinas e equipamentos, por exemplo.

A segunda tem relação com as externalidades positivas associadas à inovação. Mesmo na ausência de falhas no mercado de crédito, em muitas circunstâncias não é possível que as empresas se apropriem completamente dos ganhos obtidos com investimentos em atividades inovativas. Sendo assim, elas tendem a investir menos em inovação do que seria desejável do ponto de vista da sociedade.

No entanto, embora o governo tenha ampliado o apoio à inovação em anos recentes, especialmente com maior disponibilidade de volume e modalidades de financiamento, o


avanço da inovação entre as empresas brasileiras ficou muito aquém do esperado. Isso mesmo com evidências de que a atuação do governo (pelo menos em alguns programas) não representou meramente uma troca de fonte de financiamento, mas genuinamente elevou o esforço inovativo das empresas contempladas pelas políticas. O que deu errado, então?

Parte da explicação está nos obstáculos de conhecimento, em especial aqueles relacionados à escassez de mão de obra qualificada. Basicamente, o incremento no financiamento público para a inovação no âmbito empresarial mitigou as falhas de mercado associadas ao crédito para essa atividade, mas exacerbou a falta de pessoal qualificado para atuar nas atividades inovativas.

Sobre esse assunto, eu e o economista Filipe Lage de Sousa escrevemos um artigo que aponta que, uma vez presentes, obstáculos de conhecimento (incluindo falta de mão de obra qualificada) têm praticamente o mesmo impacto dos obstáculos financeiros na redução da propensão a inovar das empresas brasileiras. Mais especificamente, estima-se que um incremento de 10 pontos percentuais na probabilidade de uma empresa brasileira enfrentar barreiras financeiras reduz em média 5,40 pontos percentuais a probabilidade de ela inovar. Entretanto, altos obstáculos de conhecimento têm impacto comparável: redução média de 4,58 pontos percentuais na propensão a inovar.¹ Resultados semelhantes são encontrados por outros autores para outros países da América Latina.

O incremento no financiamento público para a inovação no âmbito empresarial mitigou as falhas de mercado associadas ao crédito para essa atividade

Sendo assim, convém complementar as políticas já existentes de financiamento à inovação empresarial com outras, especialmente as voltadas para qualificação de mão de obra, mas também reforçar a colaboração entre universidades e empresas. Tal prescrição é ainda mais relevante em um ambiente no qual as restrições de ordem fiscal tornam mais difícil a expansão dos gastos públicos associados às políticas de fomento à inovação.

Por fim, obviamente há outros gargalos que dificultam a inovação no âmbito das empresas brasileiras. Mas isso é assunto para um próximo artigo. 

¹Para mais detalhes e referências ver Canêdo Pinheiro, M.; Sousa, F. L. Obstáculos de conhecimento também explicam a baixa propensão à inovar das empresas brasileiras. 2021. Disponível em: <https://go.fgv.br/bzqf8g5ctDx>.

*Maurício Canêdo Pinheiro
escreve a cada bimestre.*

